

**41º Encontro Anual da Anpocs**

GT15 Intelectuais, democracia e dilemas contemporâneos

**Pierre Bourdieu como intelectual público: experiências de engajamento e teorias sociológicas**

Keila Lúcio de Carvalho

*Doutora em Ciências Humanas (Sociologia) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGSA/IFCS/UFRJ) e Professora da Coordenadoria de Sociologia (Campus Maracanã) do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (CEFET/RJ)*

Este artigo<sup>1</sup> está circunscrito em uma interpretação de Pierre Bourdieu (1930-2002) como intelectual público. Suas intervenções políticas desempenharam um importante papel no debate público francês, fazendo com que Bourdieu caminhasse, cada vez mais, da condição de renomado acadêmico para o interior da arena política – sobretudo a partir de 1995, quando enfatizou suas críticas ao neoliberalismo por meio de uma “sociologia como esporte de combate”. Inicialmente, este artigo recupera o debate sobre o intelectual público e apresenta um resgate das tendências mais gerais da trajetória do sociólogo francês. Por fim, analisa suas experiências de engajamento público, construídas sobretudo ao final de sua trajetória de vida. O confronto das experiências de engajamento público de Bourdieu com sua teoria sociológica pode contribuir para oferecer uma nova perspectiva – teórica e política – ao esforço coletivo de reconstrução de uma teoria sociológica a partir do engajamento público. Desse modo, os registros analisados devem ser úteis como um repertório de questões para o debate e para o engajamento público dos sociólogos nos tempos atuais.

Estudos recorrentes sobre as condições intelectuais costumam demonstrar que momentos de crise das formas e relações sociais, muitas vezes relacionados a derrotas políticas e culturais, são propícios ao questionamento do intelectual sobre o mundo e ao autoquestionamento do intelectual sobre sua própria condição. Podemos citar o caso exemplar de Émile Zola por ocasião do processo contra Alfred Dreyfus, mas também Antonio Gramsci e a ascensão do fascismo na Itália, Theodor Adorno e o nazismo na Alemanha, Jean-Paul Sartre durante a Segunda Guerra Mundial. Pierre Bourdieu realizou, especialmente em uma fase tardia, seus questionamentos e autoquestionamentos da condição intelectual, e foram vivenciados em períodos de crise e de redefinições societárias que certamente o atingiu na forma de lidar com a teoria sociológica e com a prática política. É interessante observar como essas transformações societárias condicionaram diferentes tipos de engajamento público, aliados ao núcleo fundamental de suas formulações sociológicas, que estiveram, com mais ou menos intensidade, relacionadas ao enfrentamento político e público dessas contingências históricas.

O termo “engajamento”, do francês *engager*, tem sua origem no século XIX, em meio aos debates sobre a função das convicções e dos valores do escritor e sua utilidade

---

<sup>1</sup>As reflexões apresentadas neste artigo foram desenvolvidas em ocasião da tese de doutorado defendida no Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGSA/IFCS/UFRJ) em março de 2017.

política, em um mesmo contexto de surgimento do termo “intelectual”. Nos anos 1940, a palavra foi popularizada pelo filósofo francês Jean-Paul Sartre (1905-1980), embora o engajamento extrapole os intelectuais, se entendidos como uma categoria específica. Entendo por engajamento, ou engajamento público, uma ação ou discurso de comprometimento com questões públicas.<sup>2</sup> Entre as variadas acepções do termo “intelectual”, no *Dicionário de política* (BOBBIO et al., v. 1, 2007), é atribuído a uma categoria específica no interior da divisão social do trabalho. Intelectuais, nesse caso, seriam aqueles responsáveis pela produção e pela aplicação de conhecimentos e de valores. Outro sentido possível é a ideia de intelectual como escritores, artistas e cientistas que, por meio de sua competência específica, se engajam com determinada autoridade e influência nos debates públicos.

A tese de Russel Jacoby (1990) é a de que, nos Estados Unidos, “o intelectual não acadêmico” desapareceu completamente, restando apenas alguns professores universitários que se dirigem principalmente para a promoção acadêmica, e não para a mudança social. Tudo o que restou foi uma geração de intelectuais substituída por “técnicos” de sala de aula, impenetráveis ao grande público e orientados prioritariamente pela defesa de sua estabilidade e pela consagração acadêmica. Para Said (2005), o cenário pessimista descrito por Jacoby (1990) não diz respeito somente aos Estados Unidos. A descaracterização da vida intelectual, segundo o autor, é o sintoma de um mundo cerceado pelo que denomina “profissionalismo”.<sup>3</sup> As contribuições de Said sobre o intelectual nos tempos de hoje são uma referência importante para o debate que busco traçar aqui. Para Said, o intelectual consiste em “um indivíduo com um papel público na sociedade”, “dotado de uma vocação para representar, dar corpo e articular uma mensagem, um ponto de vista, uma atitude, filosofia ou opinião para (e também por) um público”. (SAID, 2005, p. 25).

---

<sup>2</sup>O fato de tomar parte de um conflito não deve ser entendido, porém, de forma voluntarista, por meio de uma decisão “soberana” de se engajar. O enfoque para as “experiências” de engajamento abre mais espaço para as possibilidades de traçar diferentes caminhos e direções de engajamento, considerando as condições sociais nas quais essas experiências estão inseridas.

<sup>3</sup>Que foge, até, de uma acusação sobre uma suposta “imoralidade” desse fenômeno. Nas palavras de Said, “acusar todos os intelectuais de vendidos só porque ganham a vida trabalhando numa universidade ou num jornal é uma acusação grosseira e, afinal, sem sentido. Seria indiscriminadamente cínico afirmar que o mundo é tão corrupto que, em última análise, todos sucumbem ao dinheiro. Por outro lado, não é muito menos sério considerar a pessoa do intelectual um modelo perfeito, uma espécie de cavaleiro reluzente tão puro e tão nobre a ponto de desviar qualquer suspeita de interesse material” (2005, p. 74).

Nessa linha de pensamento, segundo Said, o intelectual representa uma voz empenhada e compreensível, cujas tarefas estão relacionadas a uma combinação entre esclarecimento e emancipação (liberdade), e encontra-se enlaçado de forma orgânica a uma experiência concreta da sociedade – “a dos pobres, dos desfavorecidos, dos sem voz, dos não representados, dos sem poder” (SAID, 2005, p. 114).

As intervenções políticas de Bourdieu desempenharam um importante papel no debate público francês, fazendo com que o sociólogo caminhasse, cada vez mais, da condição de renomado acadêmico para o interior da arena política. Depois da consagração acadêmica como membro do Collège de France, o sociólogo construiu um intenso engajamento *fora* da academia, através da construção de novos canais de comunicação de sua sociologia e de engajamento com um público extra-acadêmico. Sobretudo a partir de 1995, Bourdieu enfatizou suas críticas ao neoliberalismo por meio de uma “sociologia como esporte de combate”. A partir das questões apontadas, buscamos refletir os sentidos do papel de Bourdieu como intelectual público no exercício de seu ofício de sociólogo.

### **Experiências de Engajamento: Bourdieu na Arena Pública**

“Ele agora era mais facilmente encontrado em conferências sindicais do que em seminários acadêmicos”, afirmou Callinicos (1999) para destacar a dedicação da última década da vida de Bourdieu ao engajamento público. O militante camponês José Bové afirmou que “ele tomou parte dos debates por dois dias. Ele estava lá, anônimo entre todas aquelas pessoas” (apud CALLINICOS, 1999), referindo-se à participação de Bourdieu na grande manifestação em Millau, em junho de 2000.

Desde Jean-Paul Sartre, nenhum intelectual recebeu tanta atenção midiática na França quanto Pierre Bourdieu. Embora a notoriedade de Sartre o tenha acompanhado por praticamente toda a vida, o *status* de Bourdieu como um intelectual politicamente engajado só se consolidou nos últimos anos de sua trajetória. Seguindo as análises de Bensaïd (1998) e Wolfreys (2000), o engajamento público de Bourdieu é resultado do novo estado de espírito político na França que se abriu com a onda de greves de dezembro de 1995. Podemos citar a emergência de novos movimentos sociais de direito à

moradia, de associações de desempregados e precarizados, os *sans-papiers*,<sup>4</sup> a Associação pela Tributação das Transações Financeiras para Ajuda aos Cidadãos (ATTAC), além de novas formas de sindicalismo, como a Confederação Camponesa, os Solidários Unitários Democráticos (SUD), o desenvolvimento de lutas internacionais antiglobalização (como em Seattle e em Porto Alegre) e novas modalidades de crítica social que foram produzidas até então. Esses movimentos, de certo modo, “empurraram” Bourdieu para o engajamento público e foram compreendidos pelo sociólogo como importantes armas de enfrentamento ao “flagelo neoliberal” (BOURDIEU, 1998). É nesse sentido que busco identificar essas estratégias de ação coletiva como mobilizadoras do engajamento público de Bourdieu; e, de certo modo, também mobilizadas por ele.

À luz dessas transformações societárias e de um caldo de cultura mais engajado, Bourdieu tomou como base de seu ofício de sociólogo a intervenção pública. Foi a experiência vivida nos acontecimentos de 1995 que pôs, para Bourdieu, as tarefas de denúncia do neoliberalismo e de defesa dos movimentos sociais, interpretadas, sobretudo em termos morais, por um sociólogo já inteiramente consagrado não somente na França, mas em vários países. Se Bourdieu é comumente identificado como um exemplo de intelectual comprometido com as lutas sociais de seu tempo, torna-se necessário, portanto, refletir sobre as condições societárias desse engajamento.

Wolfreys (2000) identifica essa reação intelectual como parte de acontecimentos anteriores a 1995, como as greves na Air France, os protestos dos estudantes secundaristas de 1993, a votação significativa do candidato trotskista Arlette Laguiller nas eleições presidenciais de maio de 1995, o sucesso de eventos como a Conferência Internacional organizada pela Actuel Marx em setembro de 1995, a popularidade e o conteúdo político de várias obras publicadas durante a primeira metade da década de 1990, como *Espectros de Marx: o Estado da dívida, o trabalho do luto e a nova internacional* (1993), de Jacques Derrida; a própria *A miséria do mundo* (1993), de Bourdieu; *Marx, o intempestivo* (1995), de Daniel Bensaïd, entre outras (WOLFREYS, 2000). Segundo Callinicos (2009), enquanto a greve derrotada dos mineiros na Inglaterra, entre 1984 e 1985, simbolizou o potencial político e ideológico do neoliberalismo, as greves francesas, entre novembro e dezembro de 1995, marcaram uma nova página na

---

<sup>4</sup>Os *sans-papiers* constituíram um movimento de imigrantes que reivindicavam cidadania francesa. A expressão *sans-papiers* foi difundida em 1996, a partir do movimento de ocupações de igrejas parisienses em favor da regularização em massa da situação dos imigrantes ilegais.

história do movimento operário ocidental. Dessa vez, a ofensiva neoliberal estava provocando uma reação popular capaz de desencadear lutas sociais expressivas, capazes de iniciar um processo de reconstrução organizativa e política das derrotas das lutas das classes trabalhadoras dos anos 1980.

A participação de Bourdieu nos movimentos de 1995 marcou, de certa forma, um novo momento de seus posicionamentos políticos em relação a todo o período anterior, relativos a participações pontuais e limitadas a objetivos mais específicos. Não podemos desconsiderar, portanto, as lições políticas e os desafios analíticos que esses movimentos sociais incidiram sobre a trajetória intelectual de Bourdieu. Essa nova conjuntura política, marcada por uma onda de greves e outras lutas sociais, desafiou também o clima intelectual desmobilizador e reacionário presente na França e, de certo modo, em outros países no mesmo período. Vale lembrar o cenário de descrédito das ações coletivas de caráter mais combativo ao *establishment* que se instalou durante e após a década de 1970 e, sobretudo, a partir do final da década seguinte, repercutindo no mundo intelectual com o rompimento de certos intelectuais com a esquerda e com a tradição marxista. Na França, a imagem sartriana do intelectual politicamente engajado foi descartada e substituída pelo intelectual específico.<sup>5</sup>

A decisão de Bourdieu em tomar uma posição de destaque ao lado dos trabalhadores do setor público da França lhe conferiu notoriedade e, de certo modo, um papel protagonista nesse processo de reação intelectual contra o neoliberalismo. Por outro lado, sua notoriedade pública o fez alvo de uma campanha midiática crítica a seu engajamento, sobretudo após 1998.<sup>6</sup> Nas palavras de Bensaïd (2002, p. 158), “as inteligências servis da contrarreforma liberal não poderiam perdoar um intelectual plebeu dessa gloriosa traição”. Cabe considerar que essa exposição midiática não foi direcionada ao trabalho sociológico de Bourdieu, mas especialmente ao seu engajamento público. Ou seja, as maiores polêmicas na França envolvendo a trajetória intelectual de Bourdieu têm menos a ver com suas concepções sociológicas e mais com sua atuação de intelectual

---

<sup>5</sup>Foucault (1980, p. 126-127) anunciou o desaparecimento do “intelectual universal”, que “falava e era reconhecido como com direito a falar na condição de mestre da verdade e da justiça. Era ouvido, ou pretendia fazer-se ouvir, como porta-voz do universal” – ainda que o próprio Foucault tenha se tornado precisamente o tipo de “intelectual universal”. Esse intelectual, segundo Foucault, estava sendo substituído pelo “intelectual específico”, cujo envolvimento político decorria de sua competência específica no moderno aparelho de “poder-conhecimento”.

<sup>6</sup>Um sentido inverso dessa exposição negativa ocorreu imediatamente após sua morte, quando se multiplicaram na França, e também na Europa, cadernos especiais em jornais e revistas sobre sua vida e obra, e também homenagens na televisão.

público em sua última década de vida. Em alguns aspectos, outros intelectuais, como Zola e Sartre, já haviam sido alvo de críticas, mas a configuração do engajamento de Bourdieu e o ambiente sociocultural em questão deram nova roupagem a esses ataques.

Foi sobretudo com a publicação de *A miséria do mundo*, em 1993, aliada aos acontecimentos políticos, que Bourdieu construiu um novo tipo de discurso e de intervenção no debate público nacional e europeu.

### Crônicas da “miséria do mundo”

*A miséria do mundo* (1997a) é uma obra coletiva que reuniu uma série de pesquisas desenvolvidas ao longo de três anos por uma equipe coordenada por Pierre Bourdieu. Mais que isso, é um dos livros que mais definem o clima político e social da década de 1990 na França. Suas mais de quinhentas páginas, contendo diversas entrevistas, tiveram como objetivo compreender as condições de produção das formas contemporâneas da miséria social. O título da obra é uma resposta à declaração de Michel Rocard, ex-primeiro ministro (1988-1991) pelo Partido Socialista Francês (PSF), que, referindo-se à questão da imigração, afirmou que “a França não pode acolher toda a miséria do mundo”.<sup>7</sup>

Foram vendidas quase cem mil cópias de *A miséria do mundo* em seu formato original, antes de ser publicada uma versão mais barata em 1998. Durante esse mesmo período, a obra obteve surpreendente repercussão política “para muito além do círculo de leitores acadêmicos”, disparando “debates pelas esferas acadêmica, jornalística e política” (WACQUANT, 2013, p. 34), e foi adaptada para produções visuais.<sup>8</sup> Diferentemente de trabalhos anteriores, *A miséria do mundo* inovou tanto no estilo de apresentação, em forma de crônicas, quanto em seu apelo político mais direto, cumprindo uma relevância pública. Trata-se, portanto, do ponto de encontro entre a consolidação de uma trajetória intelectual consagrada<sup>9</sup> e uma renovação dos movimentos sociais em face de um

---

<sup>7</sup>A primeira parte da frase polêmica de Michel Rocard – “A França não pode acolher toda a miséria do mundo, mas deve receber fielmente sua parte” – ainda hoje é frequentemente utilizada para criticar o direito à nacionalidade e fazer avançar as políticas de restrição às fronteiras e de permanência no país.

<sup>8</sup>As crônicas de *A miséria do mundo* tiveram várias adaptações teatrais, como *France parle* (1993), *Signes particuliers* (1991), *Abbas* (1995), *Chronique des funambules* (1995) e *Le jour et la nuit* (1996).

<sup>9</sup>Em 1993, mesmo ano de lançamento de *A miséria do mundo*, Bourdieu recebeu a medalha de ouro do Centro Nacional de Pesquisa Científica (CNRS), o mais alto prêmio de consagração científica da França. Segundo Wacquant (2013, p. 35), “esse anúncio confirmou a originalidade e a relevância da sociologia de Bourdieu, e o colocou definitivamente acima de seus pares”.

aprofundamento da pobreza na sociedade francesa – e também em escala mundial, com a chamada “globalização neoliberal”.

“Razões de agir”

Na mesma trilha dos motivos da publicação de *A miséria do mundo*, outro exemplo emblemático da atuação de Bourdieu como intelectual público foi a série de livros de bolso publicados pela *Raisons d’Agir*, coletivo editorial formado por sociólogos no final de 1995, animado pelos movimentos de novembro e dezembro desse mesmo ano. O objetivo do coletivo consistiu na necessidade de popularização e de divulgação do conhecimento sociológico para públicos amplos da sociedade francesa, em um contexto de “fechamento” do campo político em suas questões internas e confinamento do debate público ao estreito círculo de especialistas e intelectuais midiáticos (MAUGER; LEBARON, 2012). No “Quem somos?” do *site* do coletivo, podemos encontrar:

Concebida e realizada por cientistas sociais, sociólogos, historiadores, economistas, todos impulsionados pela vontade militante de reunir os elementos de reflexão necessários para a ação política em uma democracia, esses pequenos livros densos e bem-documentados devem constituir, pouco a pouco, uma espécie de enciclopédia popular internacional.<sup>10</sup>

Segundo Mauger e Lebaron (2012), *Raisons d’Agir* é uma expressão de “intelectual coletivo”, como corpo de intelectuais que, com base em suas competências específicas, relacionadas com o ofício de sociólogos, têm capacidade e legitimidade para intervir no campo político para além do modelo do “intelectual total” (Sartre) e do “intelectual específico” (Foucault).

A série publicada pela editora Liber/Raisons d’Agir combinou preços baixos com livros acessíveis para um público amplo e teve como objetivo reestruturar a intervenção desses instrumentos a fim de contribuir para o “debate cívico de questões sociopolíticas importantes” (WACQUANT, 2013). *Sobre a televisão* (BOURDIEU, 1997b [1996])<sup>11</sup> serviu como lançamento da editora, seguido de monografias especializadas em ciências sociais. A série nasce, portanto, da motivação de pesquisadores, aliados a sindicalistas, militantes políticos em sentido estrito, para reunir elementos de reflexão teórica a fim de

---

<sup>10</sup>Disponível em: <<http://www.raisonsdagir-editions.org/qui-sommes-nous>>. Acesso em: 13 maio 2016.

<sup>11</sup>Em *Sobre a televisão*, Bourdieu (1997b) realiza uma dura crítica à televisão, caracterizando-a como um mecanismo pernicioso de violência simbólica. Em nota de *Contrafogos*, o autor afirma que “o livro foi objeto de uma vasta controvérsia que mobilizou os grandes jornalistas e editorialistas dos diários, dos semanários e das televisões francesas durante vários meses, período no qual o livro encabeçava a lista dos best-sellers” (BOURDIEU, 1998, p. 103).



servir de instrumento de ação política em um contexto de mudanças tanto no cenário sociopolítico francês quanto na trajetória intelectual de Bourdieu.

#### Fogo contra o incêndio neoliberal

*Contrafogos* (BOURDIEU, 1998) e *Contrafogos 2* (BOURDIEU, 2001) também apareceram sob a influência do novo ambiente de contestação aberto pelos movimentos de 1995, que ajudaram a solidificar uma posição em Bourdieu que já vinha tomando forma sobretudo a partir de *A miséria do mundo*. O título remete à metáfora das chamas para direcionar seus escritos e ações de combate ao neoliberalismo, conforme se lê na contracapa: “contrafogo. s.m. Fogo ateado ao encontro de um incêndio florestal para impedir-lhe a propagação: fogo de encontro”.

Ainda que os textos não representem o resultado de pesquisas e análises rigorosas como em obras anteriores, Bourdieu buscou aliar suas competências intelectuais às propostas de ação práticas, motivado por uma disposição vigorosa para apoiar e incitar os debates públicos.

#### Indo a público

Outra modalidade de intervenção direcionada a um público extra-acadêmico foram as declarações públicas de Bourdieu na forma de discursos, manifestos, petições públicas, entre outros engajamentos. O movimento em defesa do serviço público teve início em Paris, em 23 de novembro de 1995, com a greve geral dos ferroviários, estendendo-se em seguida aos trabalhadores de ônibus. Seu famoso discurso na estação ferroviária, em 12 de dezembro, por ocasião das greves entre novembro e dezembro de 1995, inaugurou um novo momento desse engajamento marcado por seu apoio efetivo aos movimentos sociais:

Estou aqui para oferecer nosso apoio a todos os que lutam, há três semanas, contra a destruição de uma *civilização*, associada à existência do serviço público, a da igualdade republicana dos direitos, direito à educação, à saúde, à cultura, à pesquisa, à arte e, acima de tudo, ao trabalho. (BOURDIEU, 1998, p. 37, grifo do autor).

Podemos citar também a participação de Bourdieu na Confederação Geral de Trabalhadores Gregos (GSEE), em Atenas, em outubro de 1996, ocasião em que criticou o posicionamento ambíguo e vacilante dos intelectuais pela omissão e colaboração ao programa neoliberal, e, em Frankfurt, do terceiro fórum da Federação Alemã dos

Sindicatos de Hesse, em 7 de junho de 1997, no qual apresentou a defesa de um programa político republicano, enfatizando a necessidade de coesão e de solidariedade social.

Importante iniciativa de engajamento público dos intelectuais franceses protagonizada por Bourdieu foi a construção do manifesto *États généraux du mouvement social*. Em um contexto de reflorescimento dos movimentos de 1995 em toda a Europa no mesmo período, o manifesto afirmava a necessidade de se constituir uma rede internacional dos diferentes movimentos antineoliberais. Além de Bourdieu, principal agitador do manifesto, estiveram entre os signatários Étienne Balibar, Daniel Bensaïd, Jacques Bidet e Jacques Kergoat:

A Convocação por *estados gerais de movimento social europeu* (ver site da Internet: <http://www.samizdat.net.mse>) inscreve-se nessa perspectiva. [...] trabalhando incessantemente por uma conjunção das forças sociais de resistência à altura das forças econômicas e culturais hoje em dia mobilizadas a serviço da política de “globalização”. (BOURDIEU, 2001, p. 71-72)

No encontro inaugural do congresso dos movimentos sociais em Paris, em 23 e 24 de novembro de 1996, Bourdieu realizou um discurso que foi posteriormente publicado em *Contrafogos* com o título “Os pesquisadores, a ciência econômica e o movimento social”. Na ocasião, o sociólogo caracteriza o neoliberalismo como uma “revolução conservadora”, uma ideologia travestida de uma “linguagem científica”, que tem força justamente por se colocar como um consenso. Justamente por tal falseamento, a tarefa dos intelectuais consiste em desvelar o neoliberalismo por meio da contraposição científica, de “argumentos, refutações, demonstrações, e isso implica fazer um trabalho científico” (BOURDIEU, 1998, p. 73-74). Outra preocupação, aliada ao esboço teórico sobre o neoliberalismo, que permeou a quase totalidade dos escritos e intervenções de Bourdieu no período, é o modelo de engajamento baseado na ideia de “intelectual coletivo”, também abordada no lançamento do congresso.

Outra modalidade de engajamento público se deu por meio de petições públicas, que demonstram o posicionamento público de Bourdieu sobre as questões de seu tempo. Com base no levantamento realizado para a elaboração desta tese, foram encontradas mais de 60 petições assinadas por Bourdieu. É interessante observar que a primeira petição data somente de 1980, em ocasião de seu apoio à candidatura do comediante

Coluche para a presidência da França – *Coluche président! Le “vote clown”*<sup>12</sup> –, e a última apenas um mês antes de seu falecimento – *Appel pour la défense d’Azmi Bishara* –, em virtude da anulação da imunidade parlamentar do deputado árabe por motivos de perseguição política.

É memorável também a contrapetição *Appel des intellectuels en soutien aux grévistes*, de 4 de dezembro de 1995, quando Bourdieu respondeu a um grupo de acadêmicos proeminentes, conduzidos pela revista *Esprit* e pelo sociólogo Alain Touraine, que haviam lançado uma petição em favor da reestruturação do sistema de segurança social do governo Juppé. Podemos destacar também as petições contra os avanços da extrema direita na Europa e a reabilitação do fascismo, contra a restauração da censura, a repressão aos estrangeiros e o desemprego, em defesa do serviço público, da igualdade entre homens e mulheres, pelo reconhecimento legal da união homoafetiva, pela redução da jornada de trabalho, diversidade cultural e linguística, independência dos meios de comunicação, solidariedade aos argelinos, aos grevistas e aos *sans-papiers*.

Em 1994, Bourdieu participa ativamente da criação do Parlamento Internacional dos Escritores [Parlement International des Écrivains],<sup>13</sup> com a finalidade de organizar não apenas uma solidariedade entre intelectuais e escritores de todo o mundo como também de inventar novas formas de intervenção dos intelectuais no espaço público, para além das formas tradicionais de assinaturas de petições e participações em protestos. A criação do Parlamento dos Escritores foi uma resposta a uma série de assassinatos de escritores argelinos que culminou com a morte de Tahar Djaout em junho de 1993. Sob a liderança de Bourdieu, foram mobilizados cerca de sessenta intelectuais para criar uma organização internacional dedicada a denunciar a censura e fornecer apoio material a escritores perseguidos em todo o mundo. O Parlamento dos Escritores organizou o periódico intitulado *Autodafé*, publicado em cinco línguas, e atuou em torno de questões argelinas, bósnias e palestinas (WACQUANT, 2013).

---

<sup>12</sup>O apoio público à candidatura de Coluche vai na direção de sua crítica ao “fechamento” do campo político. Nas palavras de Bourdieu: “Assim, os profissionais, homens políticos e jornalistas, tentam recusar ao ‘furador do jogo’ o direito de entrada que os profanos lhe concedem maciçamente (eles são favoráveis, em dois terços, ao princípio da sua candidatura). Sem dúvida porque, ao entrar no jogo sem o levar a sério, sem se tomar a sério, este jogador extraordinário ameaça o funcionamento mesmo do jogo, quer dizer, a crença e a credibilidade dos jogadores ordinários” (BOURDIEU, 2000, p. 203-204, grifo do autor).

<sup>13</sup>Dissolvido em 2004, o comitê executivo era composto por com Jacques Derrida, Édouard Glissant, Salman Rushdie e Christian Salmon, além de Pierre Bourdieu.

## Passagens em jornais e revistas

Para o jornal *Le Monde*, Bourdieu escreveu cerca de vinte artigos entre 1967 e 2000. Na edição de 7 de dezembro de 1993, o jornal publicou uma entrevista de página inteira sobre o recebimento da medalha pelo renomado Centro Nacional de Pesquisa Científica (CNRS), enfocando o apelo de Bourdieu ao “intelectual coletivo no modelo dos Enciclopedistas”, ou seja, combinando a defesa da autonomia do campo científico com o enfrentamento público dos desafios da sociedade contemporânea. Já o *Le Monde Diplomatique* publicou aproximadamente onze artigos do autor a partir de 1961, incluindo alguns cursos ministrados no Collège de France.

Em entrevista, também ao *Le Monde*, publicada em 14 de janeiro de 1992 e reproduzida em *Contrafogos* (1998), Bourdieu enfatiza a necessidade de redefinir o papel do intelectual crítico e seu papel político em um contexto em que o Estado se desresponsabiliza do tratamento das questões sociais não somente na França, mas em toda a Europa:

Desejo que os escritores, os artistas, os filósofos e os cientistas possam se fazer ouvir diretamente em todos os domínios da vida pública em que são competentes. Creio que todo o mundo teria muito a ganhar se a lógica da vida intelectual, da argumentação e da refutação, se estendesse à vida pública. Hoje, é a lógica da política, da denúncia e da difamação, da “sloganização” e da falsificação do pensamento do adversário que se estende muitas vezes à vida intelectual. (BOURDIEU, 1998, p. 18-19).

“Quanto mais velho fico, mais me sinto empurrado contra a ordem vigente.” Essa frase, atribuída a Bourdieu em ocasião de uma entrevista a um canal de televisão e reproduzida no *Le Monde* em 8 de maio de 1998 (apud CALLINICOS, 2009, p. 267), ilustra de forma contundente a constatação tardia de Bourdieu sobre o compromisso moral de seu engajamento público. No jornal *O Globo*, em 4 de outubro de 1997, foi publicada uma entrevista por ocasião da publicação da edição brasileira de *Sobre a televisão*, também reproduzida em *Contrafogos*:

Não é certo que eles [os intelectuais] possam desempenhar o grande papel positivo, o do profeta inspirado, que eles têm tendência a se atribuir volta e meia nos períodos de euforia. Já não seria mau se eles soubessem se abster de entrar em cumplicidade ou mesmo colaborar com as forças que ameaçam destruir as próprias bases de sua existência e de sua liberdade, ou seja, as forças do mercado. (BOURDIEU, 1998, p. 114).

A amplitude da popularidade de Bourdieu foi também evidenciada pelo convite feito pela revista de música e artes *Les Inrockuptibles* para editar sua edição dupla de fim

de ano. Bourdieu aproveitou a oportunidade para oferecer espaço para aqueles geralmente excluídos do “círculo midiático”: ativistas sindicais, representantes do “movimento social” e várias outras figuras associadas à chamada “esquerda da esquerda”.

“A sociologia é um esporte de combate”

Em abril de 1993, junto com Abbe Pierre, sacerdote católico francês, Bourdieu foi convidado a participar do conceituado programa *La Marche du Siècle*, apresentado por Jean-Marie Cavada em horário nobre da televisão francesa. O tema do programa foi a miséria social, na trilha da repercussão de *A miséria do mundo*.

Em 1996, duas conferências de Bourdieu intituladas “Sobre a televisão”,<sup>14</sup> produzidas pelo Collège de France e pelo CNRS, foram ao ar na TV pública francesa. As conferências foram publicadas posteriormente em livro de mesmo nome (BOURDIEU, 1997b). O primeiro episódio desmonta os mecanismos de censura invisíveis, e o segundo explica de que forma a televisão, que exerce um domínio no mundo do jornalismo, altera profundamente o funcionamento do universo das artes, da literatura, da filosofia e da política, da justiça e da ciência por meio da submissão demagógica às exigências da publicidade.

Sem dúvida, como parte das variadas entrevistas e vídeos destinados a um público extra-acadêmico, uma experiência que marca a constituição de Bourdieu como intelectual público foi o documentário *La sociologie est un sport de combat*, dirigido por Pierre Carles (2001), que cobriu suas atividades profissionais – incluindo aí as de engajamento público – no período de 1998 a 2001. O título do documentário é uma caracterização feita por Bourdieu da própria sociologia durante entrevista a uma rádio (Droit de Cité localizada em Val-Fourré) em 1º de dezembro de 1999: “Tenho sustentado que a sociologia é um esporte de combate, um instrumento de autodefesa. Ela deve ser usada para se defender, essencialmente, e ninguém tem o direito de se servir dela para atacar”. Em uma das cenas mais marcantes do filme, o sociólogo é criticado por jovens moradores de Val-Fourré por seu intelectualismo, ao que responde concluindo que “ser um intelectual não é uma doença”:

---

<sup>14</sup> Disponíveis em: <<http://notre-epoque.fr/2014/08/pierre-bourdieu-sur-la-television-et-le-journalisme>>. Acesso em: 20 out. 2016.

Diz-se: “Um intelectual engajado é um intelectual que faz política”. Não, é um intelectual que é intelectual. É um intelectual que intervém no espaço público, que pode ser o espaço político, mas sem abandonar – senão é um palhaço – as exigências ordinárias de sua atividade de pesquisador. Se ir na cena política é dizer qualquer coisa, é deixar de ser intelectual. (LA SOCIOLOGIE EST UN SPORT DE COMBAT, 2001).<sup>15</sup>

Segundo o diretor Pierre Carles, o documentário teve como objetivo fazer a sociologia e o próprio Bourdieu serem conhecidos pelo grande público,<sup>16</sup> por meio do acompanhamento do trabalho cotidiano do sociólogo: no seminário de pesquisa, em um debate, em uma escola da periferia, em uma rádio comunitária. Ainda de acordo com Carles, por um longo período, Bourdieu resistiu à ideia do documentário e finalmente aceitou quase contra a sua vontade.<sup>17</sup> Quando questionado por não ter privilegiado a relação militante de Bourdieu com os movimentos sociais, o diretor assume que

esse é o aspecto mais conhecido porque é o mais midiaticizado. As pesquisas de Bourdieu me parecem mais determinantes que suas aparições na esfera pública. Seu engajamento se situa acima de tudo em sua obra como pesquisador. Em uma sequência do filme, ele é visto com sua equipe no processo de desenvolvimento dos “indicadores do neoliberalismo”, quer dizer, dos instrumentos precisos, objetivos e rigorosos que permitem medir o grau de avanço da política de mercado em tal ou qual país. Esse é um bom exemplo de trabalho tanto científico quanto político. Bourdieu é subversivo. (CARLES, 2001).

Os registros selecionados revelam uma orientação de direcionamento público da sociologia de Bourdieu, seja a partir de sua discussão pública sobre as questões de seu tempo, seja pela construção de sua figura como uma referência intelectual engajada junto a movimentos sociais e a trabalhadores. As experiências de engajamento público estiveram concentradas em escritos e intervenções públicas localizados nos últimos anos de vida de Bourdieu. A seguir, analisaremos não somente os aspectos mais criativos e dinâmicos construídos por esse intelectual público, mas tanto para os limites desse engajamento e também das reflexões e do conteúdo político de sua ação militante.

## **Bourdieu, um Intelectual Público**

---

<sup>15</sup>Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=41W3RapeK5Q>> (1:07:13-1:07:41). Acesso em: 20 mai. 2016.

<sup>16</sup>Em entrevista, com Lóic Wacquant, a Olivier Cyran em 15 de fevereiro de 2001. Disponível em: <<http://www.homme-moderne.org/images/films/pcarles/socio/cyran.html>>. Acesso em: 20 mai. 2016.

<sup>17</sup>A aceitação é atribuída à cumplicidade entre Bourdieu e Carles. Um aspecto da produção do documentário que evidencia isso é a abordagem da intimidade restrita ao trabalho sociológico e a discrição da câmera mesmo em momentos em que Bourdieu se dirige diretamente a ela, como a cena da leitura da carta de Jean-Luc Godard que ele diz não compreender.

Mais do que supor um caso exemplar de “ruptura”, compreendemos que os novos compromissos intelectuais de Bourdieu se localizam no marco das inflexões possíveis que comportam sua trajetória biográfica e sociológica. Ou seja, ainda que tais compromissos não tenham sido revelados com a intensidade em que estiveram presentes em um momento tardio desse sociólogo, alguns de seus traços fundamentais já tinham se estabelecido, ainda que de forma difusa e não teoricamente refletida. Compreendo que o engajamento e o não engajamento<sup>18</sup> não são escolhas soberanas, justificadas por si mesmas; precisam ser mediadas por elementos que envolvem contextos sociais e estratégias de ação, individuais e coletivas. O engajamento individual de Bourdieu se relaciona a outras determinações que extrapolam a decisão e a estratégia individual. Assim, as razões para as ausências ou abstenções são discutíveis, mas não justificam, de forma alguma, anular ou rebaixar os compromissos políticos tardios de Bourdieu.

O que buscamos demonstrar é que entre a teoria sociológica de Bourdieu e suas experiências de engajamento público existem tanto rupturas quanto continuidades. As inflexões presentes nas trajetórias de Bourdieu dizem menos respeito às suas concepções teóricas em si e mais à forma de intervenção pública e à sua implicação política.<sup>19</sup> Apesar do engajamento público tardio de Bourdieu ter sido, de certo modo, uma novidade, o fato desse mesmo engajamento estar descolado de uma relação mais orgânica e direta entre a teoria e a prática é um prolongamento possível das concepções teórico-metodológicas de Bourdieu. De todo modo, o próprio fato de Bourdieu depositar esperanças nesses engajamentos, em “lutas das quais o resultado será o futuro desse mundo” (BOURDIEU, 2001, p. 7), faz o engajamento em si carecer de sustentação teórica se levarmos em conta o núcleo de sua teoria sociológica. Isso significa que as experiências de engajamento não estiveram refletidas em uma localização teórico-metodológica da tensão do intelectual em sua trajetória. Cabe, portanto, analisar o sentido do intelectual público de Bourdieu, e em que medida seu engajamento tem, por parte do autor, uma teoria subjacente a essa prática e vice-versa.

---

<sup>18</sup>Não busco, com isso, afirmar que o não engajamento consiste em uma postura neutra, já que traz em si, no mínimo, uma cumplicidade com a “ordem” social. Considero a possibilidade de não engajamento apenas para fins de análise.

<sup>19</sup>Ainda assim, mais adiante é analisada a relação dessas experiências de engajamento a partir das concepções sociológicas fundamentais desses sociólogos. Um desdobramento possível é que, no caso de Bourdieu, ao contrário de Fernandes, suas teorias mais persistiam do que extrapolaram suas categorias de *campo* e de *habitus*.

A forma tomada pelo engajamento público ao final da trajetória de Bourdieu não deixa de estar relacionada, mesmo que indiretamente, à defesa da antinomia entre a opinião (senso comum) e a sociologia – ver, por exemplo, *Ofício de sociólogo* (2010), uma de suas obras mais importantes. Para Bourdieu, a produção de conhecimentos e representações sobre o mundo social é quase uma exclusividade dos intelectuais. De todo modo, o objetivo de Bourdieu parece o de reivindicar a autonomia da ciência sociológica. Entre outras consequências, a heteronomia do campo sociológico levaria a uma perigosa politização da ciência, o que remonta, por sua vez, à crítica que Bourdieu empreende ao “intelectual total”:

Na medida em que tem mais dificuldade do que qualquer outra ciência para se liberar da ilusão da transparência e para realizar, irreversivelmente, a ruptura com as prenoções; na medida em que, muitas vezes, lhe é atribuída, *volens nolens*, a tarefa de responder às questões últimas sobre o futuro da civilização, a sociologia está, hoje, predisposta a manter com um público, que nunca se reduz completamente ao grupo dos pares, uma relação mal-esclarecida que corre sempre o risco de voltar a encontrar a lógica da relação entre o autor de sucesso e seu público ou, até mesmo, por vezes, entre o profeta e sua audiência. (BOURDIEU; CHAMBOREDON; PASSERON, 2010, p. 36).

Entendendo que os dominados não conseguem, sozinhos, compreender as origens e as condições de sua dominação, somente os intelectuais (ou alguns deles) teriam acesso aos mecanismos da dominação. Essa consideração implica, portanto, uma distância necessária entre os intelectuais e o povo a fim de evitar a manipulação populista e vanguardista por parte dos intelectuais ou, em outro polo, impedir que estes se transformem em meros “funcionários” das “ideologias do povo”. A sociologia, para Bourdieu, está centrada na categoria de dominação e na possibilidade de seu desnudamento pelo cientista social, que comparece como mediador para “revelar” um conhecimento mais “verdadeiro” às pessoas comuns. Ainda que Bourdieu insista na autonomia da ciência e da academia, defendendo as “virtudes do conhecimento inacessível”, podemos considerar que seu engajamento público seria resultado do fato do sociólogo não ter conseguido suportar o absentismo político que sua própria teoria implicava.

Em escritos tardios, Bourdieu revela uma complexidade maior desse “distanciamento” entre a prática política e a teoria sociológica através de sua defesa da figura do intelectual coletivo como aquele intelectual capaz de combinar autonomia e engajamento. Autonomia porque trabalha segundo as regras próprias de seu campo, baseadas na lógica universalista e desinteressada. Engajamento porque está orientado



para um programa de ação coletiva. Daí deriva seu caráter bidimensional: o intelectual coletivo deriva, portanto, do fato de que seu engajamento público deve reafirmar sua autonomia como intelectual por meio de um programa para uma ação coletiva dos intelectuais, assim denominado “*Realpolitik da razão*”, em um cenário de reclusão dos intelectuais do debate público:

Essa luta não pode ser senão *coletiva*, porque uma parte dos poderes aos quais os intelectuais estão submetidos devem sua eficácia ao fato de que os intelectuais os enfrentam em ordem dispersa, e competindo entre si. [...] Ela só é possível se, ao sacrificar de modo definitivo o mito do “intelectual orgânico”, os produtores culturais aceitam trabalhar coletivamente em defesa de seus próprios interesses [...] a comprometer-se em uma ação racional de defesa das condições econômicas e sociais da autonomia desses universos sociais privilegiados, onde se produzem e se reproduzem os instrumentos materiais e intelectuais do que conhecemos como Razão. Sem dúvida alguma, esta *Realpolitik* da Razão estará exposta à suspeita de corporativismo. Mas deverá demonstrar, mediante os fins cujo serviço colocará os meios, duramente conquistados, de sua autonomia, que se trata de um *corporativismo do universal*. (BOURDIEU, 2015, p. 289-290, grifos do autor).

O paradoxo do intelectual consiste, portanto, por combinar autonomia e engajamento: reforçar a autonomia em relação a todos os poderes e, por outro lado, afastar a tentação de isolamento na torre de marfim. Bourdieu destacou, assim, o caráter coletivo e universal da luta permanente entre autonomia intelectual e engajamento político. O modelo do intelectual coletivo, capaz de congrega artistas, escritores e cientistas que intervêm no universo político em prol de um projeto próprio – eis o sentido geral do corporativismo do universal proposto pelo autor<sup>20</sup>, o que requer a superação tanto do internamento escolástico do *homo academicus* quanto das formas de engajamento público do “intelectual total” (“porta-voz universal do magistério moral”), do “intelectual orgânico” (que tem seu conhecimento “a serviço de partidos”) e do “intelectual *expert*” (aquele que “fornece seus conhecimentos por encomenda”). Trata-se, portanto, de “inventar uma nova relação entre os pesquisadores e os movimentos sociais, que poderia se fundar na recusa da separação, mas sem concessão à ideia de uma ‘fusão’ e na recusa da instrumentalização” (BOURDIEU, 2001, p. 10). Ou seja, o intelectual coletivo representaria uma nova organização capaz de reunir pesquisadores e militantes em um trabalho coletivo de crítica e de proposta que conduza a novas formas de mobilização e de ação. Nesse sentido, Bourdieu adverte que,

---

<sup>20</sup>Ainda assim, Bourdieu mantém uma ênfase no papel do cientista, claramente evidenciada no trecho a seguir: “É sem dúvida aos cientistas que cabe o papel primordial, em um momento em que as forças dominantes não cessam de invocar a autoridade da ciência, sobretudo econômica” (2001, p. 44).

[...] para evitar qualquer mal-entendido, é preciso deixar claro que um pesquisador, um artista ou um escritor que intervém no mundo político não se torna por isso um homem político; de acordo com o modelo criado por Zola por ocasião do caso Dreyfus, torna-se um intelectual, ou, como se diz nos Estados Unidos, um “*public intellectual*”, ou seja, alguém que engaja numa luta política sua competência e sua autonomia específicas e os valores associados ao exercício de sua profissão, como os valores de verdade e de desinteresse, ou, em outros termos, alguém que se encaminha para o terreno da política mas sem abandonar suas exigências e suas competências de pesquisador. (2001, p. 36-37).

Cabem algumas observações a essa concepção. Bourdieu admite a existência da “torre de marfim” para o desenvolvimento das competências (científicas, literárias etc.), mas reconhece a importância de o intelectual “sair” dela depois – não para dar lições, mas sim para fornecer as armas de que seu conhecimento o proveu. Com base nessas formulações, podemos confirmar a ênfase na construção de um conhecimento científico supostamente autônomo em relação às demais esferas da vida social. Além desse aspecto cientificista, o posterior “retorno” desse conhecimento à sociedade, como arma teórica de enfrentamento das questões de interesse público, não considera, por sua vez, que tais questões e suas relações sociais participam inclusive da elaboração científica, tendo em vista a impossibilidade empírica da chamada “torre de marfim”.

Bourdieu avança nesse entendimento ao localizar tal proposta em um contexto histórico determinado. Todo o sentido dessa construção teórico-normativa tem como motivação uma análise negativa da sociedade francesa que vinha se desenhando, em escala europeia, a partir da introdução das políticas neoliberais. É com base nessa configuração que Bourdieu abre um flanco contra a “destruição de uma civilização”. A intervenção pública do intelectual coletivo constitui, nesse sentido, um público extra-acadêmico claramente localizado na estrutura de classes francesa – “as vítimas da política neoliberal” (BOURDIEU, 2001, p. 40-41). Assim, para Bourdieu,

[...] é preciso que os produtores que estão em sua pequena cidadela saibam sair dela e lutar, coletivamente, para ter boas condições de difusão; lutar também, em união com os docentes, com os sindicatos, as associações etc., para que os receptores recebam uma educação visando a elevar seu nível de recepção. Os fundadores da República, no século XIX, diziam, esquecendo-se disso, que o fim da instrução não é unicamente saber ler, escrever, contar para poder ser um bom trabalhador, mas também dispor dos meios indispensáveis para ser um bom cidadão, para estar em condição de compreender as leis, de compreender e defender seus direitos, de criar associações sindicais... É preciso trabalhar pela universalização das condições de acesso ao universal. (1997b, p. 95-96).

De fato, o sentido teórico de uma sociologia do engajamento não é fomentada por Bourdieu, mas nem por isso o autor deixaria de ser um grande intelectual público. O que

buscamos demonstrar é que está ausente um entrelaçamento orgânico entre conhecimento sociológico e públicos extra-acadêmicos tanto nas experiências concretas de engajamento público de Bourdieu quanto em suas formulações teóricas, dada a concepção acerca do caráter bidimensional do intelectual coletivo. Vejamos, a seguir, os elementos que nos permitem chegar a essa conclusão.

Em nome da autonomia do campo científico, Bourdieu realiza uma divisão entre teoria e prática que está em acordo com os “compromissos científicos” que, a todo custo, ele buscou, sociologicamente, defender. No entanto, em termos de suas experiências de engajamento público, na figura daquele que ia a público apresentar suas críticas ao neoliberalismo e seu apoio aos movimentos sociais, Bourdieu pareceu fugir, ainda que parcialmente, daqueles mesmos compromissos científicos, não se preocupando em estar legitimado por sua competência específica para realizar esse engajamento.

Bourdieu incorporou, tardiamente, um intelectual público que se preocupou mais em responder, a seu modo, às exigências que estavam dadas na sociedade do que em ser a personificação do modelo de intelectual coletivo que ele mesmo formulou. Concentrou seus esforços em estabelecer uma comunicação com audiências extra-acadêmicas sobre as questões públicas de seu tempo, independentemente do grau de sua especialização e competência originadas no campo científico. Ou seja, as intervenções públicas tardias de Bourdieu se aproximaram da tradição de intelectual devedora de Sartre, que tanto criticou, do que seguiram, de forma incontroversa, o modelo do “intelectual coletivo”.<sup>21</sup>

O que buscamos destacar é que Bourdieu extrapolou, na experiência prática de seu engajamento público, o próprio ideal de intelectual coletivo. Ainda hoje, o sociólogo é lembrado como importante referência de intelectual que intervém nas questões públicas de seu tempo, e não como aquele que se restringe a intervir nas questões de sua competência específica em nome da autonomia do campo, conforme preconiza o ideal do intelectual coletivo.

As experiências de engajamento público de Bourdieu presentes em sua trajetória sociológica foram marcadas, particularmente, pela “vontade” do intelectual em compartilhar seus conhecimentos e competências com as classes trabalhadoras e grupos mais subalternizados da sociedade. Bourdieu é “levado” ao engajamento público por uma

---

<sup>21</sup> Cabe lembrar que o próprio Bourdieu assumiu a dificuldade de encarar o intelectual coletivo, em passagem de *Contrafogos* (1998, p. 7-8): “O ideal do intelectual coletivo, ao qual tentei me adaptar sempre que conseguia me identificar com outros sobre este ou aquele ponto particular, nem sempre é fácil de realizar”.

orientação moral, um ato de vontade sem uma fundamentação em sua teoria sociológica que seja capaz de amparar esse engajamento. Em outros termos, o sentido de Bourdieu como intelectual público está radicado em uma superestimação do elemento subjetivo; no caso, a vontade do sociólogo em se engajar, independentemente de estar acompanhada de uma reflexão das condições e possibilidades reais desse engajamento – que, inclusive, permanece em contradição com duas de suas construções teóricas e conceituais mais importantes: a teoria da autonomia dos campos e o *habitus*.

O conceito de *habitus* e a teoria dos campos evidenciam certo esvaziamento da capacidade de ação dos sujeitos, que parecem comparecer, em sua teoria, “desprovidos” de agência em relação às determinações oriundas das relações sociais. A preocupação de Bourdieu com a incorporação de estruturas objetivas inconscientes deixa pouco espaço para a ação consciente romper o círculo imposto pela relação entre *habitus* e estrutura social. Bourdieu não esclarece os mecanismos de transformação, subversão ou revolucionamento da estrutura social, para além de um processo “mecânico” da própria reprodução, o que parece colocar o conceito de *habitus* inserido em um processo circular. Paradoxalmente, essa capacidade de ação foi inclusive ilustrada pelo próprio Bourdieu em seu engajamento aberto contra o neoliberalismo nos anos finais de sua vida – cabe considerar, entretanto, que tal capacidade foi “apresentada” por Bourdieu não por meio de sua produção sociológica, mas pela experiência prática e concreta de seu engajamento individual.<sup>22</sup>

Assim, Bourdieu pareceu não retirar, de sua trajetória sociológica, as consequências de seu engajamento público, mesmo que indo a público como sociólogo. Esse fato traz algumas consequências também apontadas em algumas análises (BENSAÏD, 2002; BRAGA, 2009; BURAWOY, 2010; MAUGER, 2009) que destacam a presença de certas ambiguidades e paradoxos do engajamento público de Bourdieu com relação à teoria sociológica desenvolvida por ele. O que vimos é que Bourdieu, ao assumir para si e para os outros (sobretudo para um público extra-acadêmico) a personificação do intelectual engajado, esteve em meio a alguns dilemas teóricos e práticos que, conforme sustentamos aqui, não foram enfrentados nem sociológica nem politicamente.

---

<sup>22</sup>Além disso, a preocupação de Bourdieu em escritos tardios, como em *Contrafogos*, é mais, sobretudo, contra a “destruição de uma civilização” do que meramente com a autonomia dos campos.

Como já mencionado, à primeira vista, esses aspectos parecem constatar que estamos diante de uma inflexão na trajetória biográfica e sociológica de Bourdieu, por ter alterado, na prática, seu papel de sociólogo como intelectual público. Um olhar mais atento permite considerar outros elementos dessa hipótese.

De fato, as experiências de engajamento público de Bourdieu não foram organicamente vinculadas aos movimentos sociais, limitando-se à comunicação com públicos extra-acadêmicos, sem, contudo, participar efetivamente desses mesmos públicos. Sua atuação restrita não representaria o corolário da distância, preconizada por Bourdieu, entre teoria e prática? Nesse sentido, essas mesmas experiências não exemplificam justamente um prolongamento de sua trajetória sociológica? É ilustrativa, para os argumentos que busco desenvolver, a seguinte passagem de Bourdieu:

A partir do momento em que observamos o mundo social, introduzimos em nossa percepção um viés que se deve ao fato de que, para falar do mundo social, para estudá-lo a fim de falar sobre ele, etc., é preciso se retirar dele. O que se pode chamar de viés teoricista ou intelectualista consiste em esquecer de inscrever, na teoria que se faz do mundo social, o fato de ela ser produto de um olhar teórico. Para fazer uma ciência adequada do mundo social, é preciso, ao mesmo tempo, produzir uma teoria (construir modelos, etc.) e *introduzir na teoria final uma teoria da distância entre a teoria e a prática*. (BOURDIEU, 1990 [1987], p. 115, grifos meus).

Estamos diante de uma continuidade, já que se trataria de uma movimentação de engajamento descolada, em todo caso, de uma produção teórica? De todo modo, a forma como Bourdieu construiu suas experiências de engajamento público não parecem contrariar suas contribuições teóricas mais fundamentais. Vejamos, novamente, o prefácio de *Contrafogos 2*:

Por razões que provavelmente devem-se a mim, mas sobretudo à situação do mundo, cheguei a pensar que aqueles que têm a oportunidade de dedicar sua vida ao estudo do mundo social *não podem ficar neutros e indiferentes, distanciados das lutas das quais o resultado será o futuro desse mundo*. (BOURDIEU, 2001, p. 7, grifo meu).

Essas palavras parecem revelar que a principal transformação operada sobre a trajetória de Bourdieu diz respeito ao engajamento em si. Quando afirma que os cientistas sociais “não podem ficar neutros e indiferentes, distanciados das lutas”, Bourdieu parece estar afirmando, para si mesmo, que não consegue mais suportar o próprio absentismo. O próprio Bourdieu parece se surpreende ao constatar esse “fato”, revelando uma mudança em sua concepção do ofício do sociólogo que, por outro lado, não chega a contradizer o sentido de seu próprio engajamento. Somente depois de obter

essa constatação, Bourdieu passa também a conclamar os intelectuais para o engajamento, conforme vimos anteriormente. Ou seja, o engajamento em si é uma prova dessa inflexão, embora a forma como o sociólogo francês se engaja revele até uma consequência de sua “teoria da distância entre a teoria e a prática” (BOURDIEU, 1990, p. 115).

No âmago de sua “sociologia como esporte de combate”, está o dilema de Bourdieu em entrar na política sem que, para isso, torne-se um político. Em seu entendimento, para a sociologia se transformar em esporte de combate, os indivíduos precisam “internalizar” as regras do jogo, o que significa, em termos de *habitus*, ser um “bom jogador” (BENSAÏD, 2002). Em que medida ser um bom jogador significa se limitar ao conformismo, ao passo que contestar as próprias regras do “jogo” quer dizer ser um mau jogador (ou um jogador desajeitado), é questão apontada por Bensaïd (2002), que aprofunda nossa compreensão sobre o sentido político do engajamento público que Bourdieu constrói.<sup>23</sup>

Para Bourdieu, o campo político tem uma particularidade. Sua autonomização pelos especialistas e políticos profissionais, ao contrário dos demais campos, corresponde à perda dos princípios legítimos de funcionamento da própria atividade política. De certa forma, aí parece residir uma justificativa para seu apoio aberto à candidatura de Coluche à campanha presidencial da França em 1981: um candidato palhaço representaria uma transgressão à profissionalização e à perigosa autonomização do campo político. Segundo Mathieu (2002), a preocupação com a autonomização do campo político se reflete também nos convites ao engajamento aos oprimidos e subalternos, por meio da convocação dos *États généraux du mouvement social*, por depositar a confiança de que os movimentos sociais podem impedir o fechamento por completo do campo político em tempos de hegemonia neoliberal.

Se iluminarmos as experiências de engajamento público de Bourdieu com o conceito de *habitus*, não parece surpreendente então que o próprio Bourdieu seja tão cauteloso com as perspectivas libertárias e com a defesa de um projeto societário alternativo. Nesse sentido, podemos concluir que Bourdieu aponta para resultados políticos que se limitam à “arte do possível”, dentro de sua viabilidade por meio da realização de uma democracia antineoliberal na tradição republicana francesa. Em que

---

<sup>23</sup>No sentido daquele que se comunica com um público extra-acadêmico sem que se torne, para isso, um militante político.

medida, porém, as reflexões de Bourdieu, sobretudo nos dois volumes de *Contrafogos* (1998, 2001), sobre o papel das organizações políticas e dos movimentos sociais, poderiam vir acompanhadas de uma busca de alternativa para além de uma relação reformista e republicana com o Estado, ou seja, com um enfrentamento que se debruçasse mais profundamente sobre a tática e a estratégia dessa alternativa em um contexto neoliberal?

O interesse de Bourdieu está focado nos mecanismos de reprodução da dominação, mas eles são discutidos em relação a domínios específicos (através dos *campos*) no lugar de trabalhar o processo social de produção e reprodução das relações sociais em sua totalidade. Sua análise da produção cultural, por exemplo, ignora os fundamentos do processo de produção social. O próprio neoliberalismo é entendido como trabalho intelectual e político que deve ser combatido por outro trabalho intelectual (BOURDIEU, 2001), sem relacionar o projeto de livre mercado e de desregulamentação financeira a qualquer transformação mais ampla da economia capitalista.

A defesa de uma civilização ameaçada pelo neoliberalismo está atravessada por um republicanismo e pela defesa do Estado como único meio possível para conquistar universalidade e justiça. O engajamento público tem, assim, o sentido de um compromisso cívico que busca reinventar o ideal republicano francês.<sup>24</sup> A progressiva ruptura dos laços de integração leva às diferentes manifestações da questão social, entendidas por Bourdieu como “doenças sociais”: a xenofobia, o racismo, o individualismo, a flexibilização e a precarização das condições de trabalho, o aprofundamento da miséria e do Estado penal, entre outras. Ou seja, o projeto alternativo de Bourdieu a essa *crise de civilização*, como forma de romper com o “fatalismo neoliberal”, é uma defesa republicana das instituições estatais que estão em vias de desaparecimento – a chamada “mão esquerda do Estado”. Entretanto, consideramos, assim como Callinicos (2009), que a projeção do mito francês do Estado republicano como corporificação do interesse geral para a escala europeia tem pouca relação com uma realidade marcada por conflitos nacionais e tensões sociais.

---

<sup>24</sup>É com base na constatação de uma *crise de civilização* bem próxima da abordagem durkheimiana de *anomia social* que Bourdieu propõe como alternativa um projeto democrático republicano que levaria em conta todos os lucros e custos individuais e coletivos. Passagens como as que seguem explicitam essa abordagem: “[...] o desemprego isola, atomiza, individualiza, desmobiliza e rompe com a solidariedade” (1998, p. 140) e “solidariedades sociais, familiares ou outras, que fazem com que a ordem social não desmorone no caos apesar do contingente crescente de população precarizada” (1998, p. 146).

Na medida em que o *habitus* privilegia as relações e mecanismos duráveis de dominação, a constatação dessas relações e mecanismos seria, em si, uma posição política conservadora?<sup>25</sup> Para Bourdieu, enunciar a conservação não significa reafirmar a necessidade de conservação, mas sim realizar um discurso científico sobre o mundo social. Por outro lado, a própria ênfase na conservação em detrimento da transformação é uma visão parcial da realidade, já que não dá conta da totalidade dos processos sociais e históricos que, de forma alguma, são movimentos unívocos. A predominância da análise dos mecanismos de reprodução da dominação ocorreu, portanto, sem um tratamento adequado às contradições e aos movimentos que podem surgir da dialética desse processo.

No escopo das críticas dirigidas contra Bourdieu, está a *acusação* de que o intelectual estaria levando a cabo um programa teórico e político marxista, especialmente a partir de suas intervenções públicas pós-1995. Tanto pelos pressupostos conceituais, os quais Bourdieu não abandonou, quanto pela posição ambígua entre teoria e prática, ainda dissociando uma teoria subjacente à prática e vice-versa,<sup>26</sup> compreendemos que tal aproximação é inadequada. Trata-se de uma afirmação precipitada considerar que Bourdieu tenha aderido ao marxismo pelo simples fato de ter desenvolvido um profícuo engajamento público junto aos movimentos sociais nos anos finais de sua vida. Esse processo de engajamento e de identificação com uma tradição teórica e política, qualquer que seja, é complexo e envolve outros elementos lógicos e históricos que merecem destaque. Wolfreys (2000) considera que o engajamento público de Bourdieu, por meio de suas críticas ao neoliberalismo e de seu apoio aos setores em luta, como grevistas e *sans-papiers*, representa “menos um reflexo do que um antídoto contra os aspectos de sua reflexão teórica”, a partir de uma posição política “notadamente restrita ao protesto e não à revolução”. Além disso, concordamos que o engajamento público de Bourdieu está localizado no movimento da sociologia francesa do final dos anos 1990, descrito por Corcuff (2001): um engajamento mais estreito, por parte dos sociólogos críticos (não

---

<sup>25</sup> As polêmicas sobre o suposto “conservadorismo sociológico” de Bourdieu estiveram no centro da entrevista concedida à Maria Andréa Loyola para o Canal Universitário do Rio de Janeiro (UTV), realizada em 2000. Na entrevista, Bourdieu afirma que, “quando todos eram marxistas eu era weberiano, porque me irritavam e porque eu queria irritá-los, além de proteger a pesquisa científica dos modismos. A maioria desses marxistas precoces se tornou conservadora e hoje me acusam de ser marxista, coisa que nunca fui e que nunca serei” (BOURDIEU, 2002, p. 17).

<sup>26</sup> É nesse sentido que a teoria da prática de Bourdieu se distancia de uma concepção marxista de práxis, segundo a qual toda teoria é prática, e toda prática é teórica.



marxistas), no debate e na ação pública, sem colocar em causa a autonomia científica. O papel de Bourdieu como intelectual público ilustra exemplarmente esse processo de pluralidade do radicalismo intelectual, condicionado sobretudo pela própria dinâmica dos movimentos sociais.

Mais importante para os propósitos deste artigo do que elencar os distanciamentos e aproximações com a tradição marxista é considerar que a motivação desse rótulo teve o objetivo de desqualificar o engajamento público de Bourdieu, identificando-o como antiquado e inapropriado para um sociólogo de sua grandeza. Além disso, entendemos que, assim como Wolfreys (2000), essas “críticas não são destinadas tanto a Bourdieu, mas ao ‘movimento social’ que ele defende”.

De todo modo, mesmo não parecendo ser essa sua intenção, o engajamento público de Bourdieu pôs em xeque um aparente determinismo sociológico presente no conceito de *habitus*, que abre possibilidades de um entendimento estreito das ações e das representações de indivíduos e grupos como simples reprodução da história e da sociedade. O aspecto voluntarista é reforçado pelo sentido moral do engajamento, determinado por “um impulso cívico mais do que político” (BOURDIEU, 2005). Enquanto o engajamento pessoal de Bourdieu se transforma em ponto de apoio aos movimentos sociais, seus trabalhos sociológicos não. Uma crítica decisivamente não voluntarista deveria estar radicada e justificada na própria construção do engajamento como tópico da análise sociológica, o que não parece o caso. Não é à toa que, para Bourdieu, “se o sociólogo tem um papel, este seria, antes de tudo, dar armas e não lições” (1983, p. 75).

### **Considerações finais: Armas e Lições**

A consolidação tardia de Bourdieu como intelectual público não é entendida aqui como o produto final de uma “evolução” biográfica, mas sim como processo possível no interior dessa trajetória, que se tornou especialmente visível a partir de contextos de crise social como mecanismos “detonadores” desses engajamentos. As políticas neoliberais que levaram a França e toda a Europa a uma “crise de civilização” estabeleceram novas exigências às lutas cotidianas, em alguns casos, timidamente travadas pelo sociólogo até aquele momento. Esse é o panorama que descortinou o papel de intelectual público de Bourdieu.

Em Bourdieu, a narrativa em torno das orientações de ação coletiva passou pela figura do “intelectual coletivo”, mas não deu conta de refletir, sociologicamente, sobre suas próprias experiências de engajamento. Levando em consideração o núcleo central da teoria sociológica de Bourdieu recuperado aqui, estou de acordo com as indicações de Burawoy (2010) sobre uma teoria sociológica “atrasada” em relação à prática. Apesar dessas lacunas, a forma como Bourdieu avançou em experiências que instigaram debates dentro dos públicos, embora mantendo alguma distância em relação a eles, pode ser lida como um reforço de sua teoria da distância entre teoria e prática (BOURDIEU, 1990). Com isso, os desdobramentos dessa análise confirmaram a inclinação voluntarista do engajamento público de Bourdieu apontada por Braga (2009) e revelaram que a própria sociologia de Bourdieu não comporta outro tipo de intelectual público que não seja o de “intelectual coletivo”, preconizado por Bourdieu, que tem como objetivo revitalizar a figura do intelectual da perspectiva de uma intervenção pública coletiva autorizada e legitimada pela competência específica.

O notório engajamento público de Bourdieu a partir de 1995, embora uma novidade em si, não contradisse, de todo modo, sua teoria da distância entre teoria e prática. Seu engajamento foi um prolongamento possível de suas recomendações para o intelectual coletivo, capaz de combinar a autonomia do intelectual, garantida por meio da defesa do universalismo científico, e o engajamento, projeto de ação coletiva por meio da defesa do universalismo ético. Com isso, quero ressaltar que a teoria do intelectual coletivo e suas experiências de engajamento têm um aspecto em comum: estão apoiadas em uma concepção mais restrita sobre o lugar e as condições de produção do conhecimento (situadas no âmbito da academia ou dos campos específicos) e em um entendimento de que o papel do intelectual é comunicar essa produção, contribuindo nas lutas como um contrapoder crítico (BOURDIEU, 1996). Ou seja, há brechas que permitem Bourdieu ser um intelectual público sem que, com isso, caia em contradição teórica. Por outro lado, levando em consideração o centro de sua teoria sociológica, voltado para a ênfase dos mecanismos de dominação e reprodução social, Bourdieu pareceu contradizer sua própria teoria na medida em que seu próprio engajamento e sua “esperança nas lutas” (BOURDIEU, 2001) revelam outro aspecto da realidade social que não deveria ter sido negligenciado por ele – a capacidade de ação dos indivíduos e de transformação das relações sociais. Além disso, como referido anteriormente, o próprio modelo de intelectual coletivo não deu conta de enquadrar as modalidades do

engajamento público de Bourdieu. Uma vez que Bourdieu estava mais preocupado em oferecer respostas a um público extra-acadêmico, e não em restringir sua capacidade de intervenção pública às questões de sua competência específica, a forma de engajamento público que desenvolveu a partir de meados dos anos 1990 tem certa similitude com o “intelectual universal” sartriano. Cabe reforçar, contudo, que isso não representou ultrapassar os limites de sua sociologia do intelectual coletivo. De todo modo, o fato de não se ter engajado como parte orgânica de um público extra-acadêmico fez o sociólogo francês estar coerente com sua teoria sociológica. Em outros termos, o modelo do intelectual orgânico, em Bourdieu, um limite: nem sua teoria é capaz de sustentar, nem o próprio sociólogo, indivíduo concreto, pareceu estar pessoalmente disposto a assumir.

O engajamento público de Bourdieu, indivíduo dotado de “escolhas” no interior de condições sociais específicas, não deve ser negligenciado em pesquisas em ciências sociais. No entanto, o desafio não consiste em fazer uma apropriação das soluções e estratégias construídas por esse sociólogo, mas sim incorporá-las criticamente, à luz de novas exigências e compromissos. Ao longo deste artigo, encarei essas soluções e estratégias partindo de uma interpretação das mesmas – uma leitura determinada, socialmente localizada – de caminhos possíveis para teoria do engajamento público dos sociólogos, tomando como exemplo o percurso biográfico e sociológico de um autor clássico de nossa disciplina.

O enraizamento desse debate no contexto brasileiro atual está apoiado em uma compreensão de um aprofundamento do “profissionalismo”, no sentido que buscamos resgatar de Said (2005). Esse processo, de ordem mais geral, está relacionado com a formação e a atuação de intelectuais desvinculados da intervenção pública. Sem pretender realizar uma transposição mecânica desses processos para o Brasil, não podemos ignorar a forte tradição de sociologia engajada em nosso país, bem como a existência, na atualidade, de centros e de experiências de sociologia direcionados a um público extra-acadêmico. Embora reconheçamos essa tradição na sociologia brasileira, seria inadequado caracterizar o atual estado da sociologia no país tão somente em função de seu passado. Desse modo, não podemos fechar os olhos para o fato de a sociologia contemporânea ser marcada por certa “profissionalização” e descolamento entre a

produção sociológica e o engajamento com públicos extra-acadêmicos,<sup>27</sup> o que torna o debate em torno desse tema profícuo para os caminhos da sociologia no Brasil.

O lugar dos intelectuais públicos está inscrito não apenas em suas referências do passado mas também nas lutas do presente. A questão em torno do papel do intelectual público não se restringe ao intelectual pesquisado. Longe de pretender limitar o tema do engajamento público dos intelectuais ao viés eleito neste artigo, as questões pontuadas aqui não têm caráter conclusivo. Estão relacionadas, antes de tudo, à necessidade de atualizar o velho “dilema” da sociologia como ciência e sua relação com o engajamento público dos sociólogos, seja com base no estatuto de um intelectual universal, coletivo, específico ou orgânico. Nesse sentido, a sociologia do intelectual público de Bourdieu, como “esporte de combate”, é um dos repertórios possíveis que nos iluminam novos fazeres sociológicos. Os caminhos estão abertos aos sociólogos, que respondem aos desafios de seu tempo histórico; e o nosso tempo revela que nossos desafios são muitos.

## Referências

BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

\_\_\_\_\_. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

\_\_\_\_\_. **As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

BOURDIEU, Pierre (Coord.). **A miséria do mundo**. Petrópolis: Vozes, 1997a.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997b.

\_\_\_\_\_. **Contrafogos: táticas para enfrentar a invasão neoliberal**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

\_\_\_\_\_. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

\_\_\_\_\_. **Contrafogos 2: por um movimento social europeu**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

\_\_\_\_\_. **Pierre Bourdieu: entrevistado por Maria Andréa Loyola**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002. (Coleção Pensamento Contemporâneo).

\_\_\_\_\_. **Esboço de autoanálise**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

---

<sup>27</sup>O panorama da sociologia brasileira contemporânea quanto a seu engajamento com públicos extra-acadêmicos faz parte de um debate complexo que merece, obviamente, análises aprofundadas em estudos posteriores.

\_\_\_\_\_. **Intervenciones políticas**: un sociólogo en la barricada. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2015.

BOURDIEU, Pierre; CHAMBOREDON, Jean-Claude; PASSERON, Jean-Claude. **Ofício de sociólogo**: metodologia da pesquisa na sociologia. Petrópolis: Vozes, 2010.

BENSAÏD, Daniel. Désacraliser Bourdieu. **Le Magazin Littéraire**, n. 369, out. 1998.

\_\_\_\_\_. Pierre Bourdieu, l'intellectuel et le politique. **Contretemps**. Critique de l'écologie politique. Dossier: Pierre Bourdieu, le sociologue et l'engagement. Paris, vol. 4, maio 2002.

BOBBIO, Norberto et al. **Dicionário de política**. Brasília: Ed. UnB, 2007. v. 1.

BRAGA, Ruy. O pêndulo de Marx: sociologias públicas e engajamento social. In: \_\_\_\_\_; BURAWOY, Michael. **Por uma sociologia pública**. São Paulo: Alameda, 2009.

BURAWOY, Michael. **O marxismo encontra Bourdieu**. Campinas: Ed. Unicamp, 2010.

CALLINICOS, Alex. Reformism and class polarisation in Europe. **International Socialism**, vol. 2, n. 85, 1999. Disponível em:  
<<https://www.marxists.org/history/etol/writers/callinicos/1999/xx/reformism.htm#f10>>. Acesso em: 22 set. 2015.

\_\_\_\_\_. A teoria social e o teste da política: Pierre Bourdieu e Anthony Giddens. **Revista Brasileira de Ciência Política**, vol. 1, 2009. Disponível em  
<<http://periodicos.unb.br/index.php/rbcp/article/view/6599/5324>>. Acesso em: 22 mar. 2016.

CARLES, Pierre. Entrevista concedida a Olivier Cyran. 2001. Disponível em:  
<<http://www.homme-moderne.org/images/films/pcarles/socio/cyran.html>>. Acesso em: 20 maio 2016.

CORCUFF, Philippe. Marx et les nouvelles sociologies: les voies d'un dialogue dans l'après-décembre 1995. **Contretemps**. Le retour de la critique sociale Marx et les nouvelles sociologies. Paris, vol. 1, maio 2001.

FOUCAULT, Michel. **Power/Knowledge**. Brighton: Harvester Press, 1980.

JACOBY, Russell. **Os últimos intelectuais**: a cultura americana na era da academia. São Paulo: Trajetória Cultural: Edusp, 1990.

LA SOCIOLOGIE est un sport de combat – Pierre Bourdieu. 2001. Direção de Pierre Carles. Produção: Véronique Frégosi e Annie Gonzalez. Paris: C-P Productions e VF Films/Cara M. (146 min) Disponível em:  
<<https://www.youtube.com/watch?v=aukfnAfFZ7A>>. Acesso em 6 dez. 2015.

MATHIEU, Lilian. La politique comme compétence: Pierre Bourdieu et la démocratie. **Contretemps**. Logiques de guerre. Dossier: émancipation sociale et démocratie, Paris, n. 3, p. 137-147, fev. 2002.

MAUGER, Gérard. Tirer les conséquences. L'engagement sociologique de Pierre Bourdieu. **Conférence *Was tun mit dem Erbe?***, Bielefeld, 2-3 out. 2009. Disponível em: <[http://fondation-bourdieu.org/fileadmin/user\\_upload/Files/Bielefeld\\_2009/mauger-eng.pdf](http://fondation-bourdieu.org/fileadmin/user_upload/Files/Bielefeld_2009/mauger-eng.pdf)>. Acesso em: 29 ago. 2015.

MAUGER, Gérard; LEBARON, Frédéric. Raisons d'agir: un intellectuel collectif autonome. **Journal des Anthropologues**, n. 77-78, p. 295-301, 2012.

SAID, Edward. **Representações do intelectual**: as conferências Reith de 1993. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

WACQUANT, Loïc. Bourdieu 1993: um estudo de caso em consagração científica. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 28, n. 83, 2013.

WOLFREYS, Jim. In perspective: Pierre Bourdieu. **International Socialist Review**, v. 87, 2000. Disponível em: <<http://pubs.socialistreviewindex.org.uk/isj87/wolfreys.htm>>. Acesso em: 29 ago. 2015.